

Comunicação e Realidade – da Cultura Clássica à
Digital

Jorge Campos - PUCRS

Resumo

A noção de verdade na cultura clássica está assentada na formulação aristotélica de correspondência com os fatos. Uma afirmação é verdadeira se a realidade a confirma, e falsa ao contrário. Entretanto, ainda que se suponha pressuposta a categoria “fatos”, como a âncora da realidade para que a linguagem não seja vazia, tal categoria está longe de ser elucidada e consensual. Marshall MacLuhan (1964), ao dizer que o conteúdo de um meio é outro meio, dá sentido à forma e retira a espessura dos fatos; U. Eco (1964) interpreta a cultura de massa como adequação à média do entendimento, achatando os fatos para que eles sejam metabolizados; Chomsky (1988) considera que a opinião pública é forjada pelo consenso manufaturado da mídia de massa, distorcendo os fatos. Fatos, então, não são, senão, pontos de vista sobre os fatos. Mas se a realidade é construída pela infidelidade do discurso, que tipo de âncora dá sentido à realidade virtual? Ou ela não tem sentido, e a web é, apenas, um jogo circular numa cultura digital sem fatos.

Introdução

Dizer do que é que não é e do que não é que é é falso; dizer do que é que é e do que não é que não é é verdadeiro. Assim, o famoso dictum, retórico na direção da objetividade máxima, de Aristóteles na Metafísica, já presente, em termos, no Platão do Crátilo e do Sofista, caracteriza o que podemos chamar, hoje, concepção de verdade como correspondência. Nesse sentido, uma sentença afirmativa qualquer como ‘A neve é

branca' pode ser assumida como verdadeira se e somente se a neve for realmente branca, na formulação não menos famosa e não menos retórica de Tarski. Assumida tal perspectiva, uma sentença verdadeira corresponde aos fatos, ou, ainda, diz-se que uma declaração é verdadeira se o mundo, a realidade, ou os fatos a confirmam. A noção clássica sofreu, certamente, suas variações de uma concepção mais metafísica para uma versão mais semântica, ao longo da Idade Média, e, ainda hoje, tem seus adeptos, especialmente os que defendem alguma forma de metafísica realista em Filosofia da Ciência, como Steven Weinberg, por exemplo. Mas, o próprio Aristóteles em Sobre a Interpretação, considerou a noção de correspondência como a de algum tipo de similaridade entre os pensamentos e as coisas. Aqui, talvez, fosse mais apropriado dizer-se que um enunciado é verdadeiro se as idéias que ele veicula modelam, adequadamente, os fatos. Nesse contexto, especialmente após Kant, valorizou-se a correspondência entre cognição e coisas-em-si-mesmas, sendo a verdade uma adequação ao fenômeno como objeto construído. Alguns passos mais, e se encontram concepções de verdade radicalmente opostas ao correspondentismo clássico. A visão sócio-construtivista é uma delas. Vico, Hegel e, mesmo Marx, compreendem verdade como algo construído dentro de um contexto socialmente produzido. Foucault e Baudrillard, na esteira, do antropomorfismo nietzschiano, enxergam a verdade em sua inserção em microestruturas de poder onde os fatos são simulações, metáforas, etc. Mesmo no pensamento mais restrito da ciência, em oposição ao realismo metafísico, o relativismo construtivista defende a idéia de mundo ou realidade como algo que não existe independentemente do nosso tipo de conhecimento, como é o caso de Berger e Luckmann(1966) em seu *The Social Construction of Reality*, ou, mais

recentemente, James Cushing em seu *Quantum Mechanics: Historical Contingency and Copenhagen Hegemony*, destacando o papel da contingência no conhecimento científico.

Suposta uma discussão mais simples desse debate, consideremos o binômio comunicação-realidade, eixo crítico deste ensaio. Então, dada uma informação qualquer sobre um evento ou sobre uma pessoa, uma dessas mensagens que aparecem, hoje, aos milhões, em formas tradicionais como o livro e o rádio, ou mais modernas como na internet, uma questão trivial na história e, ao mesmo tempo, crucial para o debate, aparece no horizonte anteriormente considerado: afinal, fatos são naturalmente fatos, ou fatos são socialmente fatos. Fatos são acontecimentos no mundo, ou fatos são descrições de fatos? Num mundo real, há fatos, e em mundos virtuais há o quê?

Mundo Real e Mundo Virtual

A idéia de que há muitos mundos têm sido, modernamente, redescoberta em Leibniz, para quem o nosso é, apenas, um dos mundos, possivelmente o melhor deles. De um ponto de vista lógico, as formas de modalidades, clássicas na história da filosofia, desde Aristóteles e, mais tarde, Clarence Lewis, deram origem às atuais teorias semânticas de mundos possíveis, como, mais recentemente, em Kripke(63). Na Física contemporânea, também se desenvolvem teorias de mundos paralelos, como em Everett(57) e M. Tegmark(2007), especialmente para explicar paradoxos da mecânica quântica. Evidentemente, quase todas essas concepções de múltiplos mundos, de mundos paralelos e mundos possíveis estão assentadas em suposições lógico-matemáticas. A idéia de que Física é Matemática em última instância tem, hoje,

um sem-número de adeptos. Mas a idéia de realidade virtual, em sua dimensão atual, a partir de meados do século passado, com o advento da computação, tornou-se, sem dúvida, muito mais expressiva, dado que coisas como simuladores de vôos, vídeo games, 3D, WWW, mp3, DVDs, etc., materializaram, através da interatividade com nossos sentidos, a clássica perspectiva de mundos possíveis. Agora, agíamos em mundos virtuais completamente inseridos no mundo real. A globalização, antes do sentido reducionista da Economia, era a absorção do virtual pelo real, de tal forma que passamos a viver múltiplas realidades. Isso bem antes, ainda, da experiência com a Second Life. Esta, aliás, a própria expressão da realidade do mundo virtual, não só pela simulação, mas pela interface amigável e construtível com a Primitive Life. Se a web 1.0 foi o choque de conviver com máquinas inteligentes, foi a beleza de surfar pelos caminhos do mundo, com uma liberdade nunca imaginada, a web 2.0 foi a recuperação da interatividade informativa, via Wikipédia, da interatividade social, via Orkut, dos blogs, etc. Agora, já estamos com TIM O' Reilly, criador da web, antevendo a web 3.0, a realidade virtual da interatividade inteligente em que as máquinas inferem para se tornarem mais informativas e comunicativas. Como em Luciano Floridi(2005), filósofo da Informação, a sociedade do conhecimento e da tecnologia já está constituída. Nela, somos, na realidade, inforgs, imigrantes de uma nova dimensão. Estamos conectados querendo ou não. Um teste é crucial. Já passamos mais horas como organismos conectados do que seres humanos dormindo. Já não somos seres apenas on life mas, dentro da vida, on-line. Nesta verdadeira Infosfera, a realidade digital cria uma verdadeira re-ontologização das criaturas da biosfera. A nanotecnologia e a biotecnologia, por exemplo, estão re-criando as entidades originais da

nossa história evolutiva, agora em formas novas, microcósmicas. E, mais uma vez, nos perguntamos sobre o que há e qual a natureza do que há. Num mundo supostamente real, tínhamos uma espécie de teoria consensual da verdade. Verdade é o que acreditamos todos corresponda aos fatos. Mas o que podem ser fatos para inforgs? se estamos todos conectados ou nos conectando, a rede nos define sobre o que é real, sobre o que são os verdadeiros fatos. Imagine-se, se você é um cético sobre a realidade do virtual, sem telefone, sem celular, sem TV, sem computador, sem Pen Drive, sem CDs, sem e-mail. Sim, milhões de pessoas ainda não vivem nesta dimensão, mas estão indo para lá, onde já estão milhões de inforgs. Mas, então, como definir fatos nesse novo ecossistema, nessa infosfera?

Revisitando Precursores

Dado esse fundo, vamos visitar três figuras precursoras, duas delas ainda vivas e atuando: M. McLuhan, U. Eco e N. Chomsky, todas envolvidas completamente com advertências sobre os males da mídia massiva. Chomsky, da década 70 para cá tem sido um obstinado crítico da política de governo dos EUA, um ativista incansável e, especialmente, um crítico feroz do efeito de distorção da mídia de massa. Para ele, o consenso é manufaturado no sentido de que todos acreditam no que todos acham que todos acreditam, isto é, no que somos manufaturados para entender e aceitar. Chomsky se pergunta no chamado problema de Orwell. Como é possível que, tendo tanta informação, sabendo tanto sobre o mundo, não o compreendamos adequadamente? A resposta é dura e imediata. Porque nos enganam. Porque adulteram a realidade e modelam nossa consciência. Pra Chomsky, fatos como a Guerra do Iraque

são completamente construídos para servir aos interesses da sociedade bélica americana e para faturar o petróleo dentro de uma economia globalizada. Ainda que ele esteja provavelmente certo, a nossa questão, aqui, não é propriamente ideológica. O que queremos saber é o que significa distorcer os fatos. O que pode significar que a mídia não diz a verdade. Que ela faz afirmações que não correspondem aos fatos, ou, ainda que ela omite informações verdadeiras sobre os fatos? Mas como podemos entender que ela nos apresenta o falso se não temos a apresentação do absolutamente verdadeiro, dado que todas as formas de apresentar os fatos assumem que são verdadeiras. Se o comentarista da CNN diz x e Chomsky, via CNN, diz não x, como distinguir os fatos? Aristóteles provavelmente diria: x ou não x. Mas ele também disse que um dos dois é verdadeiro se for um pensamento que corresponde aos fatos. E, num momento, pensamentos são pensamentos. U. Eco, principalmente em obras como *Apocalípticos e Integrados*, criou uma dicotomia de muita capacidade elucidativa. A que distingue o que está na prática da mídia, ou enraizado nela como espectador, e o que supõe que esteja fora dela porque a critica, ou que, dentro dela, não a aceita. Para Eco, não se trata de discutir a mídia de massa como se ela pudesse ainda ser evitada. Ela existe e fim. Agora, tudo o que resta é tentar compreendê-la. Para isso, cumpre, por exemplo, compará-la com a genuína cultura popular ou com uma forma de cultura de elite. A comunicação de massa vive dessa tensão na forma de fazer cultura. Por um lado, precisa simplificá-la, pulverizá-la, pilulizá-la, emocioná-la para que todos se reconheçam nela; por outro, trata de acompanhar a realidade externa e sua inventividade diária, de oferecer a informação nova, o mundo dos acontecimentos cotidianos e suas

imprevisibilidades. Mas, se é possível simplificar fatos, pilulizar fatos, emocionalizar fatos, que fatos eram esses antes desses processos midiáticos? Quem os conhecia, ou, ainda, quem sabia a verdade sobre eles? M. McLuhan, num sentido, foi um verdadeiro gênio da antevisão da aldeia global. O que se vê, hoje, mesmo em sua extensão mais sofisticada, poderíamos supor, não traria surpresa maior a McLuhan. Mas eis que ele tinha a compreensão de que da cultura medieval para a moderna e contemporânea, houve um deslocamento radical do eixo lógico-filosófico, da centralização na verdade para o eixo retórico-persuasivo, onde a questão não é mais o conhecimento, mas o convencimento. Em sua tese, a idéia básica é a de que o conteúdo verdadeiro ou falso foi substituído pelo meio é a mensagem, ou, como mais tarde diria, pelo dito de que o meio é a mensagem. É a sociedade da forma que se impõe, para ele, a idéia de que a informação veiculada é menos fatal do que os fios que a permitem. Certamente, o sistema wireless poderia ser uma das suas surpresas. Ainda assim, talvez ele dissesse que tal sistema poderia ser uma extensão de nossa mente e suas conexões à distância. Mas, se formas são conteúdos de outras formas, que são fatos em McLuhan? Numa ontologia de meios como extensões do homem em que os conteúdos dependem de suas formas, em que o mesmo filme pela TV ou pelo cinema não é o mesmo, o que são fatos? O que significa dizer que o filme era o mesmo? Se a natureza do conteúdo depende da natureza da forma, a forma é parte do conteúdo.

O interessante de se considerar é que estamos num mundo digital, somos inforgs, tipos conectados numa infosfera dentro da biosfera e interagindo com ela, e ainda, não temos resposta para o conceito elementar de fatos. Ainda não

temos uma resposta para a possibilidade de que tudo o que pretendamos dizer seja flatus voci, de que tudo o que a nossa ciência diz que é verdade não pode não ser verdade, de que o real e o virtual sejam, no fundo, uma mesma coisa, embora não possamos dizer exatamente que coisa é. Uma foto frontal pode ser verdadeira da pessoa fotografada? Mas tal pessoa não tem costas na foto, ou tem?

Bibliografia:

Aristóteles, *Órganon*. Tradução do grego, textos adicionais e notas de Edson BINI. Bauru: Edipro, 2005. 608p. pp. 81-110: Da interpretação.

Baudrillard, J. *Selected Writings*, ed. Mark Poster (Stanford; Stanford University Press, 1988)

Berger, P. L. and Luckmann, Thomas, *The Social Construction of Reality: A Treatise in the Sociology of Knowledge* (Garden City, New York: Anchor) 1966

Chomsky, N. *Manufacturing Consent: The Political Economy of the Mass Media*. Pantheon Books, 1988 (with – Edward Herman)

Cushing, J., Delaney, C.F., and Gutting, G. (eds) *Science and Reality: Recent Work in the Philosophy of Science*, University of Notre Dame Press, 1984

Eco, U. *Apocalípticos e Integrados*, Perspectiva, 6ª edição, 2006

Everett, H. *Relative State Formulation of Quantum Mechanics*, *Reviews of Modern Physics* vol 29, pp 454-462, 1957

Floridi, L., *A Look into the Future Impact of ICT on our Lives*, *The Information Society*, 59-64, 2007

Foucault, M. *Les Mots et les Choses*, Paris - Gallimard, 1966

Hegel, G.W.F. *Ciência da Lógica*, 1812-1816

Kant, I., *Crítica da Razão Pura e Outros Textos Filosóficos* (seleção de Marilena Chauí) 1974

Kripke, S., *Semantical Considerations on Modal Logic*, *Acta Philosophica Fennica*, 16: 83-94, 1963

Leibniz, G. W., *Monadologia*. Trad.: Marilena Chauí. São Paulo: Abril Cultural. 1983 (Col. Os Pensadores)

Lewis, C.I., *Mind and The World Order: an Outline of a Theory of Knowledge* . Charles Scribner's Sons, New York, 1929

McLuhan, M., *Understanding Media: the Extensions of Man*, 1st Ed. McGraw Hill, NY, 1964

Platão, Teeteto, Crátilo. 3a ed. Trad. de Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora Universitária UFPA, 2001. 226 p

Platão, O Banquete, Fédon, Sofista, Político. Trad. de José Cavalcanti de Souza et alli. São Paulo: Abril Cultural, 1972. 269 p. (Os Pensadores

Tarski, A., *The Semantic Concept of Truth and the Foundations of Semantics*, *Philosophy and Phenomenological Research* 4: 341-75. 1944

Tegmark, M., *Parallel Universes*, 2003, *astro-ph/0302131*, *Scientific American*, 40-51, 2003

Weinberg, S., *Dreams of a Final Theory: The Scientist's Search for the Ultimate Laws of Nature*, First Vintage Books Edition (1993)

